

ELOY MORENO

INVISÍVEL



Qualquer um pode ser um herói, até quem faz algo tão simples quanto colocar um casaco sobre os ombros de um menino para que ele saiba que o mundo não acabou.

— BATMAN

O cavaleiro das trevas ressurgue

Não é necessário ter visão de raio X para enxergar o que está errado.

— SUPER-HOMEM

Faz mais de cinco minutos que ela está parada na esquina, encarando a porta do outro lado da rua sem saber o que fazer: entrar agora ou voltar amanhã com as mesmas dúvidas de hoje.

Respira fundo e começa a andar. Atravessa a rua quase sem olhar para os lados e, alguns metros depois, empurra a porta com medo.

Pronto.

Pedem que espere um pouco no sofá, pois logo será atendida.

Enquanto espera, observa as obras de arte que tomam conta das paredes, desenhos que provavelmente nunca serão expostos em museus, mas que em sua maioria serão vistos por muito mais gente.

Não será o seu caso. Sua obra será vista apenas por ela, mais ninguém. Pelo menos é o que imagina agora.

Poucos minutos depois pedem que se dirija à outra sala, menor, mais escura, mais íntima...

Assim que entra, ela vê.

Deitado sobre a mesa, grande, muito grande, capaz de cobrir suas costas inteiras, está: um dragão gigantesco.

Mais uma vez lhe explicam como será o processo, a técnica, o tempo que levará... e avisam: se dói sobre costas normais, nela vai doer ainda mais.

Reflete de novo por alguns segundos.

Resolve seguir em frente.

Tira a camiseta e a calça, tira também o sutiã e assim, praticamente nua, deita-se de bruços na maca, deixando à mostra um dorso que dói só de olhar. Um dorso tomado por cicatrizes – dessas que nascem do fogo – que foram crescendo na pele de uma mulher que há muitos anos, quando ainda menina, visitou o inferno.

“Vamos começar”, escuta.

Ela estremece e fecha os olhos com tanta força que volta ao passado, quando tudo aconteceu.

Foi há muito tempo, mas continua sentindo dor e medo sempre que pensa nisso, algo impossível de ser apagado.

Com o passar dos anos foi percebendo que algumas lembranças doem como se tivessem acontecido ontem.

E assim, pouco a pouco, sobre uma pele em relevo com cheiro de passado, um dragão vai ganhando vida.

Após sua mente passar horas saltando entre passado e presente, como um pássaro que teme tanto o voo quanto o chão, ela decide se olhar no espelho.

Ali está o começo do dragão, seu dragão. Que nasce no ponto exato em que suas costas encontram os quadris e que vai acabar na nuca, dias depois, quando estiver completo.

Suspira e sorri, finalmente decidida.

O que ainda não sabe é que em certos momentos esse dragão vai despertar e ela nem sempre será capaz de contê-lo.

O que ainda não sabe é que não é ela que está tatuando um dragão nas costas: o dragão é que encontrou um corpo sobre o qual viver.

INVISÍVEL

De novo a mesma coisa.

Acabo de acordar tremendo, com o coração batendo forte contra as costelas, como se quisesse escapar do corpo, e a sensação de ter um elefante sentado no meu peito.

Às vezes respirar é tão difícil que parece que vou sufocar se não abrir bem a boca.

A boa notícia é que já sei o que fazer. Me explicaram no meu primeiro dia aqui. Quer dizer, no terceiro, porque não me lembro de nada dos dois primeiros.

Preciso contar até dez enquanto respiro lentamente, tentando fazer com que, pouco a pouco, meu corpo se acalme, o coração sossegue e o elefante vá embora.

Um, dois, três... inspiro e expiro.

Quatro, cinco, seis... inspiro e expiro.

Sete, oito, nove, dez... inspiro e expiro.

E faço tudo de novo.

Também é importante que eu não me assuste sempre que acordar. Preciso lembrar que estou num lugar seguro. Não posso ficar nervoso... para não repetir o que aconteceu na primeira noite: quando abri os olhos, fiquei tão apavorado que comecei a gritar.

Tento não me assustar agora, esperando que meus olhos se

acostumem com a pouca luz ao meu redor, uma luz que lentamente me ajuda a distinguir o mundo à minha volta.

Um, dois, três... inspiro e expiro.

Quatro, cinco... inspiro e expiro.

Seis, sete...

Parece que está dando certo, que parei de tremer, que meu coração desacelerou e que o elefante se levantou do meu peito.

Fico quieto.

* * *

Agora que estou mais tranquilo começo a distinguir vários sons: passos distantes, muito lentos, vindos de pessoas que arrastam os pés; vozes, sussurros, palavras que não entendo; sons estranhos, como de gente chorando baixinho, abafando lamentos com a boca tapada; e de vez em quando o silêncio, de vez em quando um grito... e outros mil sons.

Ah, e entre todos esses sons um é meu. Digo que é meu porque está dentro da minha cabeça. Parece um apito, tão alto que às vezes sinto como se uma agulha atravessasse meus ouvidos de um lado a outro. Vai e vem o dia inteiro, mas me perturba especialmente à noite, quando tudo está em silêncio.

Um, dois, três... inspiro e...

Paro de contar, acho que já consegui.

Agora que estou mais calmo, que já sei onde estou, começo a me mexer, e é quando a dor começa.

Mexo meus dedos, abro e fecho as mãos devagar, primeiro a esquerda, depois a direita, depois as duas ao mesmo tempo. Tento mexer o pescoço, e isso dói, dói muito, mas continuo tentando, girando um pouco a cabeça para os dois lados.

Continuo.

Tento mexer as pernas, primeiro a esquerda, depois a direita...

É nesse momento, ao tentar dobrar minha perna, que percebo uma mão segurando minha coxa.

Me assusto de novo.

Começo a tremer.

O elefante retorna.

Um, dois, três... inspiro e expiro.

Quatro, cinco, seis... inspiro e expiro.

Sete, oito, nove...

* * *

Volto a esticar minha perna, mas a mão não me solta.

Tento lembrar o que está acontecendo, por que essa mão está aqui, por que escuto esse apito tão alto, por que estou nesta cama, por que às vezes tenho a sensação de estar debaixo d'água, me afogando...

Com o olhar, procuro o pequeno relógio na parede à minha frente, desses com números que brilham no escuro: 2h14, mais ou menos como nas últimas noites. Parece que, mesmo com o remédio, não consigo dormir mais que três ou quatro horas seguidas.

Mas as coisas foram melhorando: parei de gritar quando acordei, parei de chorar ao mexer o corpo e cada vez demoro menos para conseguir lembrar onde estou. Ah, e o mais importante de tudo: as pessoas já conseguem me ver.

Parece que, desde o acidente, não consigo mais ficar invisível. Talvez o impacto tenha me alterado por dentro. Ou os poderes, da mesma forma que chegaram, foram embora. Estou aqui há cinco dias e ainda não consegui sumir.

Vou tentar dormir mais um pouco, por pelo menos uma hora, porque uma hora é melhor do que nada.

Fecho os olhos.

Conto de um a dez.

Respiro lentamente.

A mão continua aqui, agarrando minha perna.

* * *

A mão das cem pulseiras

No mesmo instante em que uma pessoa ex-invisível tenta voltar a dormir, a uns cinco quilômetros de distância, num pequeno quarto de um edifício de seis andares, uma mão repleta de pulseiras acorda. E acorda também o corpo unido a essa mão.

Não consegue dormir bem há cinco dias, desde o acidente. Também está tomando remédio, também sem efeito.

Acorda nervosa durante a noite, começa a andar pelo quarto a qualquer hora da madrugada e fica observando pela janela um céu tão escuro quanto sua consciência.

Há cinco dias enxerga a vida desfocada, como se usasse óculos de lágrimas que não consegue tirar do rosto. Há cinco dias escreve cartas de amor que começam com raiva e terminam com ódio. Cartas de amor que talvez nunca cheguem ao seu destino, que ficarão entre a lixeira e o esquecimento.

Pega o celular, que está mudo há muito tempo. Abre as fotos e precisa voltar meses atrás para encontrar alguma que seja interessante.

Encontra a primeira, sorri: os três na praia.

E a segunda, ele sozinho, ao longe, piscando um olho.

Outra mais recente, do seu último aniversário, quando soprou as velas com tanta força que o bolo quase saiu voando.

E uma quarta, e uma quinta, e outra, e outra, e outra... Enquanto o dedo passa as imagens cada vez mais rápido, surgem as lágrimas, e a raiva, e a impotência, e a dor... porque as lágrimas sempre vem.

Atira o celular no chão numa tentativa inútil de apagar o passado e se joga na cama.

Justamente nesse momento, entre as lágrimas e os lençóis, toma a decisão que estava adiando havia vários dias.

* * *

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

